UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

MULHERES QUILOMBOLAS EM FEIRA DE SANTANA: NARRADORAS DE SABERES

Urânia Santos das Chagas[1]; Marta Alencar dos Santos[2]
1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Licenciatura em Química, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-e-mail:uraniachagasantos@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: masantos1@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: tradições orais; narradoras orais; mulheres quilombolas.

INTRODUÇÃO

O que se aprende sobre a luta do feminismo negro quando ouvimos histórias narradas pelas mulheres quilombolas de Feira de Santana? Este questionamento é a base central deste plano de trabalho que procura mapear e divulgar as histórias da tradição oral contadas por mulheres quilombolas do município de Feira de Santana. Entende-se que a contação de histórias é um dos mais antigos e eficazes modos de transmitir conhecimentos, por isso, é preciso um olhar crítico sobre a necessidade de se manter viva a cultura popular das tradições orais como afirma *Amadou Hampâté Bâ*: "A tradição oral baseia-se em uma certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo"(HAMPATÊ BÂ, 2010, p.2). Com isso, a participação das mulheres quilombolas como narradoras na experiência da contação de histórias mobiliza saberes que podem promover a representatividade do feminismo negro dentro dessas comunidades.

Essas narrativas promovem uma percepção ambiental em que o conhecimento se reverbera nas dimensões imaginárias de cores, cheiros, sons e sabores. As tradições orais abarcam uma gama de conhecimentos que podem ser levadas a vida prática e é nessa perspectiva que os saberes populares são também encontrados nos momentos em que se conta e se ouve histórias, sejam elas de ficção ou (auto)biográficas.

As histórias de vida das mestras do saber, participantes dessa pesquisa, são assimiladas pelos seus ouvintes como verdadeiras lições para o cotidiano e assim as mulheres negras quilombolas transmitem seus ensinamentos, suas lutas, seus sonhos e o mais importante, seus valores. Este trabalho, pretende investigar as contribuições de contadoras de histórias quilombolas na luta em favor do feminismo negro por meio dos contos de tradição oral narrados nas comunidades quilombolas em Feira de Santana.

Segundo historiadores, as contações de histórias em quilombos possuem uma didática sociológica que viabiliza a mediação de conflitos e a defesa dos seus ideais, como é mencionado a seguir por *Sergio Norte e Acácio Santos*: "As histórias recolhidas ocupam um lugar importante na elaboração da vida da comunidade. Seu conhecimento aprofundado constitui uma via privilegiada de acesso a certos mecanismos da construção das relações sociais. A análise dessas diferentes funções permite perceber como as

comunidades tradicionais estruturam os elementos de base que presidem as relações humanas, por meio da interação entre o permitido e o defendido e suas múltiplas graduações: recomendado, reprovado, aceito, admitido, tolerado etc. Assim, as histórias reiteram refinadamente a relação entre o social e o indivíduo e cumprem uma função reguladora na resolução das tensões sociais" (SANTOS; NORTE. 2017 p 15).

Contando com a participação efetiva das mestras do saber quilombolas nas tradições é que se pretende com essa pesquisa fazer um mapeamento de onde estão essas mulheres, e catalogar suas histórias de vida e repertórios de contos de tradição oral que colaboram com o enfrentamento do racismo e do sexismo na educação.

Nem sempre as histórias contadas por essas mulheres são reais, mas contos populares que assumem características pedagógicas e de entretenimento, como afirma *Doralice Fernandes Alcoforado*: "A função social do conto é de ensinamento e lazer. Nas sociedades iletradas, os ensinamentos passados às gerações mais novas se davam por meio de narrativas. O conto popular se constitui numa forma ainda bastante viva nas comunidades rurais baianas" (ALCOFORADO, 2008, p. 78).

Essa pesquisa tem como foco a contação de histórias das mulheres quilombolas em Feira de Santana, como possível mecanismo de transformação social e emancipação sociocultural de mulheres negras. Acredita-se que a colaboração dessas mulheres como mestras de tradição é de suma importância para fortalecimento do feminismo negro que comunica com saberes populares que podem fazer intercâmbios com os acadêmicos.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Considerando a natureza qualitativa desta pesquisa, optamos pela abordagem (auto)biográfica. Esta escolha fundamenta-se na concepção de que através das narrativas das mulheres quilombolas de Feira de Santana, é possível apreender com as suas histórias de vidas as histórias coletivas do quilombo, além de mapear os contos da tradição oral presente neste território. Nesse sentido, *Vívian Munhoz Rocha* (2010) reforça essa ideia quando afirma que: "[...] Integrado ao seu grupo social, o contador ao narrar compartilha com seus ouvintes os saberes que unem aquela comunidade" (ROCHA, 2010 p.82). A fim de acessarmos as histórias de vida dessas mulheres quilombolas, contadoras de histórias utilizaremos a entrevista narrativa como dispositivo de coleta de dados que consiste em uma maneira objetiva de perceber detalhes que se pretende investigar por meio das histórias de vida contadas por essas mestras do saber como destaca *Jovchelovitch* (2002) afirmando que: "Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social" (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2002, p.90).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Inicialmente escolhemos a Comunidade Quilombola Matinha dos Pretos em Feira de Santana/Bahia para a realização desta pesquisa. A escolha se deu devido ao histórico de luta política, social e econômica dessa comunidade que constitui como principais lideranças as mulheres negras como aponta *Reis* (2013) em seu trabalho de pesquisa intitulado O trabalho das mulheres na produção do espaço agrário de Matinha dos Pretos Feira de Santana - Bahia. A autora destaca que: "Grande parte das trabalhadoras rurais deste local se insere em todas essas esferas sociais e dentre os espaços rurais do município de Feira de Santana o povoado de Matinha dos Pretos apresenta maior envolvimento das mulheres na militância política e social" (REIS, 2013, p.20). Os estudos de *Reis* também evidenciam o protagonismo das mulheres do quilombo e destaca que além da participação política, as mulheres são responsáveis na manutenção das tradições orais. Entretanto, com a implementação da pandemia por conta do vírus COVID-19, a qual exige distanciamento

social, passamos a necessitar de meios digitais para fazer contato com as mestras. Diante disso, surgiu uma dificuldade estabelecer comunicação com as mestras do quilombo Matinha dos Pretos. Essa alteração não ofereceu um empecilho para realização da pesquisa, pois como Santos (2016) afirma "[...] bem como as sociabilidades e relações familiares existentes entre as comunidades, a ponto de não existirem fronteiras entre Matinha e Candeal" diante dessa forte ligação entre os quilombos da Matinha e Candeal, realizamos a pesquisa com as mestras do Quilombo Candeal II sem romper com os objetivos do plano de trabalho, o que nos levou às mestras Dona Dionízia das virgens Fonseca (Dona Nem) e Almerinda das Virgens Almeida (Dona Ninin).

Durante as entrevistas, realizadas de maneira remota, ficou evidente pelas falas das mestras que ambas ocupam um lugar de ensinamento e respeito em seu território, onde suas histórias de vida são encaradas como verdadeiros exemplos para as mais novas. Em diversos momentos fica evidente que elas repassam aos mais novos saberes adquiridos por elas ao longo da constituição do quilombo de Candeal II, já que fazem parte de uma das primeiras famílias da região, demonstrando uma certa inseparabilidade entre suas próprias histórias de vida e de seu território, transmitindo esses saberes através da tradição oral que é mantida e valorizada por elas. Exemplo disso são as oficinas sobre ervas medicinais que são ministradas por Dona Ninin e outras mais velhas da região para os mais jovens da comunidade, com intuito de repassar e manter vivo esses saberes que constituem a comunidade de Candeal II. Outro ponto interessante e muito presente na experiência das mestras, é a união feminina que é mantida em Candeal II e a posição de liderança que as mulheres representam, como já apontava Reis, (2013). Quando questionadas sobre como ocupavam seus dias no passado e como ocupam no presente, Dona Nem afirma: "Tinha vez que de madrugada juntava três, quatro, cinco mulher [...] O paradeiro era lá em mãe, que era pra juntar todas elas pra ir pra feira, pra ir de pé, vender alguma coisa", as mestras ainda demonstram que essa união das mulheres quilombolas de Candeal II se fortaleceu ao passar dos anos, frisando o protagonismo delas na liderança da comunidade e no processo de reconhecimento de Candeal II enquanto quilombo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Ambas as mestras ocupam posições sociais e políticas muito importantes na comunidade, uma vez que fazem parte da Associação Comunitária de Desenvolvimento de Candeal II (ACDC), dirigida por 12 mulheres que estão "empenhadas em discutir e valorizar seus direitos, promover ações que visam a autonomia das mulheres moradores do quilombo de Candeal II" (ACDC, 2019) salientando a importância das mestras da tradição Dona Ninim e Dona Nem para o desenvolvimento social, cultural e político de sua comunidade. Além disso, as mestras utilizam a oralidade como caminho através do qual promovem o feminismo negro, onde trazem suas experiências vividas como fundamento em luta para a desconstrução de uma imagem negativa acerca das mulheres negras quilombolas.

REFERÊNCIAS

ACDC. Relatório de atividades ACDC 2019. Disponível em: <https://empoderaquilombo.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Relatorio-atividades-ACDC-2019.pdf>. Acesso em: 15 de ago 2021.

HAMPATÊ BÁ, A. Tradição Viva. Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER,

REIS, M. L. O trabalho das mulheres na produção do espaço agrário de Matinha dos Pretos-Feira de Santana-Bahia. 2013, 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Curso do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2013.

ROCHA, V. Aprender pela arte a arte de narrar*:* educação estética e artística na formação de contadores de histórias. São Paulo, 2010.

SANTOS, A. S. A; NORTE, QUEIROZ, S.A. Narrativas Quilombolas: dialogar-conhecer-comunicar, São Paulo,2017

SOUZA, R. S. Memória e história quilombola*:* experiência negra em Matinha dos Pretos e Candeal, 2016, 138 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas) Curso do Programa Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), Cachoeira, 2016.